



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CAMPUS DE LARANJEIRAS  
DEPARTAMENTO DE DANÇA**

**MARKELLY VASCONCELOS SANTOS**

**O ENSINO DE DANÇA NOS PROGRAMAS LICENCIANDOS NA ESCOLA E  
RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: um relato de experiência**

Aracaju  
2025

**MARKELLY VASCONCELOS SANTOS**

**O ENSINO DE DANÇA NOS PROGRAMAS LICENCIANDOS NA ESCOLA E  
RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: um relato de experiência**

Relato de Experiência apresentado ao Departamento de Dança da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Dança.

Orientador: Prof. Dr. Jonas Karlos de Souza Feitoza

Aracaju-SE  
2025

**MARKELLY VASCONCELOS SANTOS**

**O ENSINO DE DANÇA NOS PROGRAMAS LICENCIANDOS NA ESCOLA E  
RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: um relato de experiência**

Relato de Experiência apresentado ao Departamento de Dança da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciada em Dança.

Aprovada em

\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Jonas Karlos de Souza Feitoza (Orientador)  
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

---

Prof. Me. Thiago da Silva Santana (Membro)  
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

---

Prof. Ma. Ana Carolina Frinhani (Membro)  
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Aracaju-SE  
2025

Dedico esse trabalho, a minha avó Tereza, a minha mãe Isabel, por acreditarem em meu potencial. Ao meu orientador Jonas Karlos pela cumplicidade, confiança e disponibilidade nesse processo de orientação. Aos meus amigos pelo companheirismo e colegas que contribuíram para a realização dessa pesquisa.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais Isabel e Antônio (in memorian), aos meus irmãos Marcleybom e Marley que me incentivaram nos momentos difíceis e compreenderam a minha ausência enquanto eu me dedicava à realização deste trabalho.

A minha avó Tereza Vasconcelos, aos meus primos Cristiano, Viviane e Simone, pelo apoio e pela ajuda, que muito contribuíram para a realização deste trabalho.

Aos meus compadres Anselmo e Claudia por me incentivarem a não desistir e me apoiar nos momentos mais difíceis que passei durante o processo desse trabalho.

Ao meu companheiro Fabrício José, por sempre acreditar em meu potencial e me incentivar a não desistir.

Aos amigos Ane Maria, Ellen, Eduarda, Társila, Lillian, Caroline, Cleyton, e todos aqueles que sempre estiveram ao meu lado, pela amizade incondicional e pelo apoio demonstrado ao longo de todo o período em que me dediquei a este trabalho.

Ao professor Jonas Karlos pela dedicação e empatia nesse processo de orientação. Aos docentes do curso de dança (UFS) pela partilha de saberes e a preceptora do programa de Residência, Caroline Natureza, pela calorosa receptividade e ensinamentos que enriqueceram meu processo de formação.

Aos meus colegas de curso da turma 2019.1, por compartilharem comigo tantos momentos de descobertas e aprendizados e por todo o companheirismo ao longo deste percurso.

[...] Seria interessante pensarmos que em nossas aulas de dança podemos conhecer quais projetos de comunidade atravessam nossos corpos e de nossos alunos, reconhecendo influências, problematizando situações, escolhas, transformando projetos. Ou seja, as aulas de dança podem criar situações concretas para que corpos – projetos de comunidades – não se transformem em conchas e sim em situações potenciais de transformação social (Isabel Marques)

## RESUMO

Este relato de experiência apresenta vivências oportunizadas por dois projetos pedagógicos no curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Sergipe, entre os anos de 2021 e 2023. Os projetos denominados de Programa Licenciandos na Escola (PROLICE) e o Programa de Residência Pedagógica (PRP) enfatizaram a relevância dessas ações como formação complementar no ensino superior em dança. A experiência oportunizada com esses programas comprovam processos significativos o ensino-aprendizagem em dança no contexto escolar. Importante ressaltar que esse relato de experiência é parte da compilação dos relatórios dos projetos pedagógicos apresentados aos coordenadores dos referidos projetos.

**Palavras-chave:** Dança; Ensino; PROLICE; PRP.

## **ABSTRACT**

This experience report presents experiences provided by two pedagogical projects in the Dance Degree course at the Federal University of Sergipe, between 2021 and 2023. The projects, called the Graduates in School Program (PROLICE) and the Pedagogical Residency Program (PRP), emphasized the relevance of these initiatives as complementary training in higher education in dance. The experience gained through these programs demonstrates significant processes in the teaching and learning of dance in the school context. It is important to emphasize that this experience report is part of the compilation of pedagogical project reports presented to the coordinators of these projects.

**Keywords:** Dance; Teaching; PROLICE; PRP.

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	10
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>PROLICE: dançando com a escola</b> .....	14
<b>O PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA</b> .....	20
<b>A EXPERIÊNCIA NA FORMAÇÃO DOCENTE: atravessamentos com Jorge Larrosa</b> .....	28
<b>CONSIDERAÇÕES</b> .....	30
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	31

## APRESENTAÇÃO

Meu interesse em fazer o curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Sergipe (UFS) ocorreu a partir de uma conversa com uma pessoa amiga que cursava o referido curso. Eu não sabia que na UFS existia um curso superior em dança, nem muito menos que era licenciatura. Sempre gostei de dançar, desde a minha infância, cresci dançando os mais variados estilos de dança; me fazia presente nas apresentações com a dança nas gincanas e em festas na escola, quando cursava o ensino fundamental e Médio. Passei oitos anos tentando ingressar na universidade pública para outros curso que de certa forma não me interessavam, por desconhecer a existência de uma Licenciatura em Dança na cidade de Aracaju-SE.

Ter ingressado no curso de Licenciatura em Dança me fez muito sentido, especificamente, por ter sentido um acolhimento e reconhecimento sobre o lugar que eu realmente queria ocupar como processo de formação profissional e pessoal com e a partir do campo da dança. Posso afirmar que o curso me transformou completamente em aspectos cognitivos e políticos sobre o fazer da dança. A oportunidade de conhecer autores e/ou artistas da dança a partir da história da dança nacional e internacional; elementos da anatomia e cinesiologia aplicadas a dança, modos de improvisação e composição coreográfica, me serviu como ponto de partida para compreender como o corpo se movimenta no espaço de outros modos; quais questões estruturais estão co-implicadas em relação as limitações articulares, da musculatura e o modo como cada pessoa organiza sua postura, foram fundamentais para perceber possibilidades de trabalhar respeitando os limites do corpo do outro em práticas de dança.

Importante enfatizar que inúmeras outras disciplinas nesse processo de formação, também, foram imprescindíveis para expandir minha compreensão sobre o ensino da dança, do reconhecimento e valorização das diferenças nas ações de ensinar/aprender. Danças brasileiras, por exemplo, no qual consegui descobrir minha ancestralidade e me curar de traumas através de laboratórios que foram desenvolvidos na disciplina. E, indubitavelmente, a relevante oportunidade de enfatizar a riqueza do meu estado de Sergipe, que apresenta significativas manifestações culturais.

Apesar de reconhecer a importância que as disciplinas exerceram sobre

a minha formação e ter participado de programas pedagógicos no curso de dança, infelizmente minha prática com a dança esteve restrita ao contexto acadêmico. Em decorrência da escassez do mercado de trabalho para profissionais da dança, especificamente, no estado de Sergipe, tenho trabalhado no setor lojista, completamente diferente da minha área na qual estou me formando. Ainda não tive a oportunidade de exercer minha profissão como professora licencianda em dança, para além das atividades desenvolvidas no contexto universitário.

Tenho discernimento dos inúmeros desafios que enfrentaremos no exercício da docência na educação básica e/ou em outros contextos de formação em dança. Mas, penso que é no fazer da experiência, que as escolhas metodológicas e a resolução de problemas nos processos de ensino e aprendizagem, que teremos possibilidades de escolhas de ferramentas pedagógicas para lidarmos com as diferenças na atuação docente.

## INTRODUÇÃO

A atuação de uma profissional de dança como educadora na educação básica é de fundamental importância. Assumir-se educadora transcende o papel de mera instrutora de movimentos. Ao assumir a função de professora, a profissional de dança utiliza a arte como uma poderosa ferramenta pedagógica para o desenvolvimento integral do aluno. Em sala de aula, a dança se torna um meio para promover a consciência corporal, a expressão criativa, o pensamento crítico e a valorização da cultura. A presença de educadores de dança nas escolas legitima essa arte como um componente curricular essencial, capaz de dialogar com outras disciplinas e de contribuir para a formação de indivíduos mais sensíveis, autônomos e conscientes de suas capacidades físicas, intelectuais e emocionais.

A formação de um professor de dança vai muito além do domínio técnico da arte; ela exige uma profunda imersão na realidade do ambiente escolar. Nesse sentido, os programas PROLICE (Programa Licenciandos na Escola) e PRP (Programa de Residência Pedagógica) se mostram como ferramentas essenciais, funcionando como uma ponte entre os estudos teóricos acadêmicos e a ação pedagógica. Eles oferecem aos futuros educadores a oportunidade de enfrentar o "chão da escola", permitindo-lhes desenvolver não apenas habilidades de ensino, mas também uma sensibilidade para os desafios e as possibilidades que se apresentam na educação básica. Essa aproximação com o contexto real é fundamental para uma formação docente completa e significativa.

O PROLICE, por exemplo, torna-se crucial para a aproximação com a sala de aula, proporcionando uma experiência singular do modelo de ensino tradicional da dança. Ao focar em atividades de improvisação e consciência corporal, o programa expõe os licenciandos e os alunos a outros modos de existência da dança na educação. Essa abordagem permitiu a exploração de um ensino mais livre, criativo e centrado no aluno, onde o corpo se torna um instrumento de descoberta e expressão, e não apenas de reprodução de movimentos pré-determinados.

A metodologia adotada para essa experiência foi cuidadosamente planejada para ir além da repetição. Pautada nos estudos de tempo e espaço de

Rengel (2008) a partir dos fatores de movimento<sup>1</sup> de Laban, com isso, a prática da dança se tornou um exercício de autoria e colaboração. Instigando os próprios alunos a construir uma coreografia, o ensino desvinculou-se do modelo clássico "eu faço, você reproduz", promovendo um aprendizado mais significativo. Essa escolha metodológica não só reforçou a autonomia dos estudantes, mas também mostrou a imprescindibilidade de reconhecer como os movimentos estão intrinsecamente relacionados aos referenciais teóricos.

Complementar a essa vivência, o PRP trouxe um novo olhar para a prática pedagógica, focando na contextualização histórica e cultural da dança. O programa viabilizou o trabalho com as histórias e origens das manifestações culturais, especialmente as danças brasileiras e sergipanas. Essa abordagem permitiu que a dança fosse ensinada não como um mero conjunto de passos, mas como parte da identidade cultural e da história de um povo. O estudo da história da dança se tornou uma ferramenta para conectar os alunos às suas raízes, valorizando o patrimônio cultural e enriquecendo a experiência de aprendizagem.

Em suma, a existência e a atuação dos programas de estágio na Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Sergipe são de suma importância para a formação de educadores. As experiências proporcionadas pelo PROLICE e pelo PRP se complementam, oferecendo uma visão abrangente e transformadora do ensino da dança. Juntos, eles capacitam os futuros professores a desenvolverem práticas inovadoras, que valorizam a autonomia dos alunos e a rica herança cultural da dança, formando profissionais prontos para enfrentar os desafios do mercado de trabalho e contribuir para uma educação mais completa e significativa.

---

<sup>1</sup> Os Fatores de Movimento de Rudolf Laban são um sistema para analisar as qualidades de um movimento, focando no "como" ele é realizado. Eles são compostos por quatro elementos: Espaço, Peso, Tempo e Fluxo. Juntos, esses fatores descrevem a intenção e a expressividade por trás de qualquer ação corporal.

## **PROLICE: dançando com a escola**

A Pró-Reitora de Graduação da Universidade Federal de Sergipe (UFS) instituiu em 2021 O programa Licenciandos/as na Escola (PROLICE). Com o objetivo de promover o fortalecimento da formação docente de estudantes nas diversas licenciaturas existentes na UFS. O programa apresenta interesses imprescindíveis para garantir a experiência dos/das estudantes na rotina diária das escolas no contexto da educação básica.

O PROLICE é um programa que contribui consideravelmente na formação acadêmica de um estudante de Licenciatura em Dança. Com o objetivo de proporcionar vivências dentro do ambiente escolar da rede pública, e ao mesmo tempo, preparando esse futuro docente para o mercado de trabalho, a experiência com esse programa oferece oportunidades para atuarmos com a produção de conhecimento em dança dentro da sala de aula. Assim, fortalecendo o saber desse licenciado e contribuindo para expandir outros modos de aprendizagem com a dança, o programa apresenta o funcionamento de uma escola da rede pública a partir das vivências nesse contexto.

Iniciei minha atuação docente neste programa no mês de novembro de 2021. Meu ingresso ocorreu a partir da segunda etapa de efetivo exercício do PROLICE no Departamento de Dança. Por ter entrado depois que o programa já existia, participei por um ano correspondente ao período de 2021 a 2022. O local onde atuei por esse programa foi na Escola Armindo Guaraná, localizada no município de São Cristóvão SE. Atuei junto com outros colegas da Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Sergipe.

Nossas aulas estiveram voltadas para oficinas de improvisação em dança a partir dos estudos de tempo e espaço do Rudolf Laban (Rengel, 2008, 2003, 1992). A estruturação das aulas ocorreu mediante reuniões antecipadas para a elaboração das oficinas e conteúdos a serem abordados, com o intuito da construção de possibilidades a serem trabalhadas a cada aula, seguindo uma ordem cronológica.

Figura 1 – Registro da equipe de colegas professores do PROLICE



Fonte: arquivo pessoal (2022).

O primeiro momento foi de apresentação, tanto dos professores quanto das turmas e, algumas explicações de como funcionariam as oficinas. Por conseguinte, iniciou-se a apresentação dos alunos, em seguida foi perguntado se os alunos já haviam tido algum contato com a dança, qual estilo gostavam de praticar e o que entendiam por improvisação em dança. Após essas abordagens, aconteceu o primeiro momento de oficina, na qual foi trabalhada a dinâmica de memorizar e reproduzir, observação dos movimentos livres de uns com os outros e, logo em seguida, memorizar e executar tudo que foi observado.

Ao decorrer dos encontros, o grupo buscou alternativas viáveis para a realização de um planejamento significativo das oficinas e em pensar a contribuição (*feedbacks*) sobre as posturas e falas, ao lecionarmos as aulas, sempre optando por melhorias para que surgissem resultados positivos. Vale ressaltar que o grupo iniciou-se com os colegas estudantes da licenciatura em dança: Ane Maria, Catiele Gonçalves e Cleiton Silva. A minha atuação só veio ocorrer com a saída da estudante Catiele Gonçalves, cujo desligamento foi informado ao coordenador responsável. Por essa situação, consegui compor a equipe dos dois estudantes que já atuavam com as oficinas do projeto.

Além das práticas propostas de dança, trouxemos dinâmicas diversas para a sala de aula, dividindo por etapas, tais como: suporte técnico (atendimento individual), observações, sugestões de relaxamento e atividades de improvisação para práticas fora da escola.

A colega Ane Maria trabalhou formas de improvisação em dança

(Guerreiro, 2007) em suas aulas, e a partir disso, observamos que alguns alunos/alunas possuíam maior facilidade, outros nem tanto, por apresentarem vergonha de dançar e por conta disso não conseguiam explorar alguns movimentos acordados. Trabalhamos conjuntamente a dinâmica de movimento de expansão e retração, na qual instigamos os alunos/alunas a explorarem os espaços e a pesquisarem possibilidades de movimentos, com base nesta dinâmica. Importante informar que o estudo do fator espaço esteve pautado na compreensão que o “Espaço - Pode ser direto ou flexível. Aponta o tipo de trajeto que o movimento traça no espaço e como se dirige nesse espaço” (Rengel; Mommensohn, 1992, p.103).

Utilizamos como estratégia de aproximação com o cotidiano desse alunos, a relação dos fatores de Laban, com os movimentos de algumas danças midiáticas, especificamente, o *TIK TOK*, como proposta para a criação, trabalhando, também, o tempo lento e o tempo rápido. Os estudos desses dois tempos foram mediados a partir da informação que o fator “Tempo - Pode ser rápido ou lento (com nuances como, por exemplo, rapidíssimo ou lentíssimo)” (Rengel; Mommensohn, 1992, p.103).

Pedíamos aos alunos/alunas que usassem o dedo indicador para realizar movimentos e desenhos imaginários no ar (Espaço). Essa prática ocorreu a partir das direções de orientações espaciais: baixo, médio e alto (Rengel, 2003). Por conseguinte, deixamos que eles fizessem os movimentos alterando entre as três orientações espaciais, explorando ainda mais o espaço da sala. Essa proposta foi possível fazer relação com o estudo do tempo lento e rápido, utilizando a musicalidade e o ritmo musical para que os alunos/alunas pudessem buscar outras possibilidades de improvisação, mas, também, instigando a compreensão que estávamos dançando.

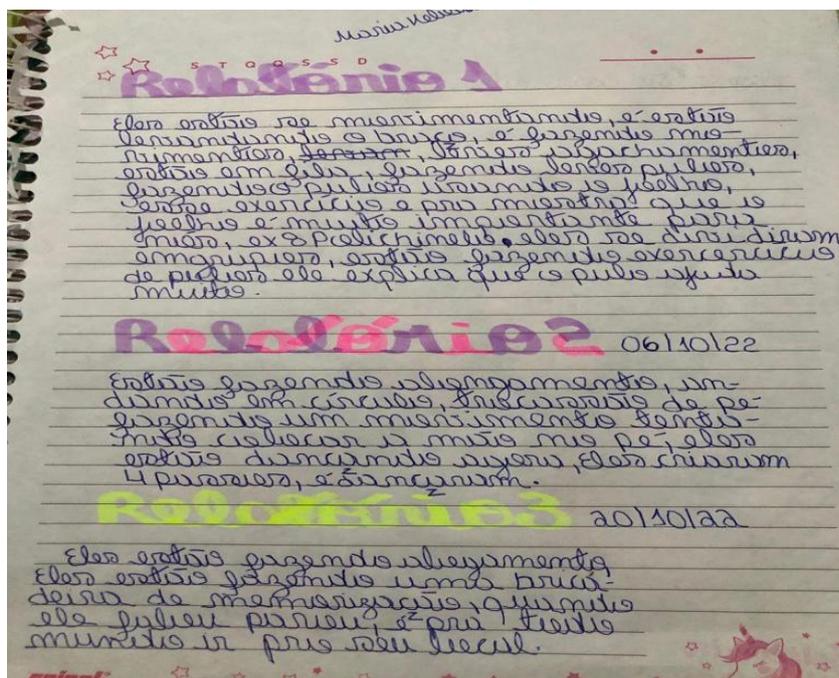
Dando continuidade, o colega Cleiton Silva optou por trabalhar com objetos geométricos para que houvesse uma relação entre o corpo dos alunos e o material, utilizando formas geométricas pelo espaço (círculos, quadrados, linhas, desenhar, lápis, caneta, borracha) trazendo a proposta de coletividade, com o intuito de instigar os alunos/alunas a trabalharem em duplas, trios ou grupos. O mesmo, também, apresentou algumas propostas de quedas e recuperações (prática voltada para a relação do corpo dos alunos/alunas com a gravidade), trabalhando os membros inferiores e superiores, contribuindo para a

consciência dos modos do corpo se relacionar com chão e como podiam controlar ou liberar o movimento para conseguir alcançar as variações de tempo.

Como complemento dos temas de estudos, abordados nas oficinas, trouxemos como proposta de improvisação movimentos individuais, instigando-os a pensarem movimentos pautados por suas imaginações a partir do que era proposto. Trabalhamos, também, giros e saltos juntamente com o aproveitamento dos espaços, com a finalidade de apresentar um outro olhar aos alunos/alunas sobre o uso de ações do corpo. Essa conscientização contribuiu para todos perceberem as possibilidades que existem na ação de compor em um possível processo de criação.

É importante mencionar sobre o *Recesso Junino Escolar* que o colégio entrou, período no qual o grupo não atuou. Após o retorno das aulas, seguimos o planejamento cronológico, de forma normal. Durante esses encontros, alguns alunos que não participavam da prática na oficina ficam responsáveis por reproduzir relatórios (Figura 1) de tudo o que se passava na aula. Essa atividade utilizávamos como métodos avaliativos/*feedbacks* para a disciplina correspondente, e todos os alunos/alunas participavam de algum modo das oficinas propostas.

Figura 2 – Registro de relatórios elaborados por uma aluna



Fonte: arquivo pessoal (2022).

As propostas das oficinas contribuíram para encontrarmos relações entre elas e construímos com os alunos/alunas uma sequência coreográfica de acordo com o que foi passado nas dinâmicas anteriores, com a finalidade de apresentá-la fora do ambiente escolar. É importante enfatizar que a oficina de Improvisação em Dança trouxe experiências riquíssimas no fazer educacional e artístico ao grupo de alunos/alunas, além de desdobramentos no fazer acadêmico, como por exemplo, a elaboração desse relato de experiência como Trabalho de Conclusão de Curso. Indubitavelmente, a experiência do ensino, antes mesmo da formação, traz benefícios e segurança para outras possíveis ações educacionais. Essas vivências com o PROLICE promoveram uma melhor compreensão da educação e formação da atuação profissional em dança.

Ao longo desses encontros, tivemos a oportunidade de atuar em sala de aula, experienciando o ambiente escolar, bem como a relação professor-aluno. A ação com esse projeto educacional reforça que uma prática de dança pode ser menos limitada, no sentido de reprodução de passos, evidenciado sobre o que de fato pode ser ampliado e concebido como um dançar implicado com o discernimento do ensinar/aprender/apreender com e sobre a dança. Essa perspectiva pedagógica estava pautada nos escritos da educadora Lea Anastasiou (2005) ao falar sobre a diferença entre aprender e apreender:

No entanto nossa meta se refere a apropriação do conhecimento pelo aluno, para além do simples repasse de informação, é preciso se reorganizar: superando o aprender, quem tem se resumido em processo de memorização, na direção do apreender, segurar, apropriar, agarrar, prender, pegar, assimilar mentalmente, entender e compreender (Anastasiou, 2005, p.3).

Importante termos ciência de quais objetivos estabelecemos ao ensinar e que adaptações metodológicas e pedagógicas são fundamentais quando nos colocamos nesse contexto de ensino. Pudemos aproveitar cada obstáculo encontrado ao longo desses meses de maneira satisfatória, quer dizer, sem que esses obstáculos nos travassem e/ou nos paralisassem. Reconheço que a troca entre Universidade e comunidade externa é importante para nossa formação. Essas experiências ficarão em nossas memórias, durante nosso jornada de formação. De início, eu e os demais colegas estávamos temerosos que os resultados fossem insatisfatórios, mas ficamos com a sensação de dever

cumprido ao ver alunos/alunas tímidos e inquietos, *a priori*, por não compreenderem ainda sobre outros modos de dançar na escola, e até mesmo um tanto envergonhados, terem se permitidos a dançar a “nossa dança” (Expressão usada por eles/elas). Essa experiência no *Colégio Estadual Armino Guaraná*, oportunizou-me variados conhecimentos outros que, de fato, apenas nessa imersão e dos atravessamentos que foram reverberados, que seria possível.

Com a finalização do trabalho do nosso grupo, ficou notório o entendimento de cada um dos colegas sobre as estratégias necessárias, deixando, assim, algumas provocações nas memórias de cada um, tais como: aspectos cognitivos, motores, de construir sua própria dança.

## O PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

Como programa das Licenciatura da Universidade Federal de Sergipe, seu objetivo é o mesmo que os outros programas pedagógicos, de incluir o licenciado em sala de aula e trazer vivências sobre a realidade das escola da rede pública, de como é a sala de aula, ou até mesmo a recepção dos professores para com os estudantes que estão em estágio supervisionado. Infelizmente, nem todos apresentam uma empatia com a nossa presença, inclusive, passei todo o programa sem poder entrar na sala dos professores, para evitar problemas com a preceptora em virtude da negação de acesso a esse espaço. As hierarquias existem! Lamentavelmente, existem problemáticas desses tipos no ambiente escolar municipal e estadual.

O Residência Pedagógica (RP) é um programa que dá oportunidade ao licenciando levar para sala de aula os apreendizados tecidos ao longo desses quatros de formação, de modo correlacionado. Reforçarei quando vezes for preciso: esse momento de estar no contexto da escola, penso ser uma oportunidade de troca mútua de experiências.

O RP possui uma demanda considerável de licenciados que dividem as atividades em coletividade. E contamos, também, com um docente coordenador e uma preceptora da escola. Essa aproximação com a preceptora acontece por uma seleção com edital público para professores da rede pública que se inscrevem para fazer parte do projeto. Infelizmente, em outros projetos, tais como o Prolice, são os estudantes de licenciatura e docentes que fazem essa articulação ao procurarem escolas que aceitem os projetos onde o licenciando irá ministrar aulas, no lugar do professor de Artes.

O Residência Pedagógica (RP) também é uma fonte de renda para o estudante universitário e viabiliza a permanência e conclusão do curso. Considero que são poucas as oportunidades que os licenciandos têm no período de graduação de trabalhar com projetos e/ou escolas com esse suporte de bolsa. Embora, não seja um valor ideal para a manutenção da permanência acadêmica, reconheço a importância das bolsas e/ou auxílios ofertados no processo de formação em dança.

O programa RP é um fortalecedor de saberes ao possibilitar vivências na escola de educação básica, com possibilidades de exploração no lugar de

atuação. Constantemente o aprendizado é refletido sobre quais estratégias são necessárias para outras compreensões da dança na escola. De fato, promover conhecimentos outros sobre o corpo e a dança nas sala de aula, expondo um fazer para além do entendimento das danças midiáticas, nesse contexto de ensino, foi um dos compromissos defendidos por todos os envolvidos. O RP mostra as demandas e necessidades que precisam ser exploradas para que exista uma ação qualitativa na educação dentro das escolas, agregando na formação de futuros profissionais, seja na educação, cultura ou qualquer área de trabalho que o jovem estudante da escola pública queira seguir como formação profissional.

A escolha dessa experiência vem por meio de outra vivência que aconteceu no decorrer da minha formação acadêmica e não me permitiu obter a experiência das aulas expositivas e das orientações curriculares dentro da disciplina de Artes. Participei do programa PROLICE, mas foi diferente do Residência Pedagógica, no qual eu só atuava com as práticas de dança - na escola já existia o espaço para aulas práticas de dança, então não cheguei a conhecer a sala de aula tradicional. Já o RP permitiu esse acesso a sala de aula onde tive meu primeiro contato com a disciplina de Artes e ao mesmo tempo consegui atuar na minha área, com as práticas de Dança. Com o surgimento do edital de Residência Pedagógica, objetivei a possibilidade de vivenciar algo novo e que iria me ajudar bastante no meu currículo. Então, a experiência no programa me ajudou bastante em entender como funciona a organização de uma escola da rede pública de ensino. Na Universidade aprendemos bastante dentro da disciplina de Pedagogia sobre conhecimentos teóricos, mas estar no chão da escola, no fazer da experiência, a realidade é outra e extremamente desafiadora. A importância desse programa contribui para uma formação complementar de atuação a partir da disciplina de pedagogia da dança.

Importante explicitar que nosso grupo de atuação era composto por cinco integrantes no Programa de Residência, especificamente, no mês de novembro de 2022, fomos aprovados no processo seletivo para atuar no Centro de Excelência Prof. Gonçalo Rollemberg Leite, com carga horária da Base Nacional Comum Curricular - componente Arte no Ensino Médio e a Eletiva de Dança<sup>2</sup>–

---

<sup>2</sup> Com o novo modelo de ensino integral, a carga horária do ensino médio aumentou e por esse motivo os professores precisaram criar uma disciplina, cujo nome é denominado de eletiva, por

do currículo complementar, onde foram trabalhadas algumas manifestações populares sergipanas.

A vivência em sala de aula escancarou a realidade das escolas públicas, que até então desconhecíamos. Foram vários pontos positivos e negativos com a experiência que tivemos nas sala de aula, especificamente, na escola *Gonçalo Rollemberg Leite*, na qual percebemos que os jovens não participavam tanto das aulas expositivas, como participavam da prática de dança, situação comprovada com a adesão significativa na inscrição da disciplina Eletiva de Dança. Nessa escola, atuamos só com a eletiva na disciplina de Artes, por orientação das regras do novo modelo do ensino médio.

No momento da nossa vivência a escola estava em reforma e atuamos em um prédio antigo de uma Universidade Particular, lá já possuía um espaço para dança e ficamos por 2 meses na instituição. O primeiro contato foi para conhecermos a escola, a direção, alunos/alunas e o espaço onde íamos trabalhar as práticas, bem como, o refeitório, a biblioteca, o pátio e a sala dos professores.

Iniciamos com a manifestação popular do estado de Sergipe o Lambe Sujos e Caboclinhos, contextualizando a partir da história e trazendo os momentos da manifestação para a prática com alunos, suas músicas, movimentos dos corpos, suas pisadas e curiosidades e suas tradições. Nossas aulas sempre aconteciam em uma sala específica para dança, onde continha colchões e usávamos o som da própria escola.

Decidimos levar para sala de aula um estilo no qual os jovens praticavam com frequência considerável, atualmente, que é o estilo brega funk<sup>3</sup>. Em virtude desse fato, utilizamos um remix que já existia com a letra da manifestação e as batidas do brega funk e sugerimos os alunos/alunas reproduzirem os movimentos da dança popular na batida do brega funk. A outra manifestação foi Samba de Pareia, que só deu tempo de contextualizar o ritmo e a reprodução dos movimentos utilizando os membros superiores do corpo. Os alunos também construíram, artesanalmente, o instrumento chamado ganzá<sup>4</sup>, utilizado dentro da

---

não ser uma disciplina formal, e sim, um complemento para a carga horária. Na disciplina de Artes a professora decidiu trabalhar com a Dança, com isso, criaram a Eletiva de dança.

<sup>3</sup> Brega Funk é um gênero musical, sua origem vem do brega em uma junção com o funk carioca, que surgiu no ano 2011 em Recife, Pernambuco (Gomes, 2021).

<sup>4</sup> Ganzá ou canzá utilizado no samba é um instrumento musical de percussão. Possui

manifestação. Para a execução dessa sugestão fez-se necessário uma alternativa de criação desse instrumento a partir de uma garrafa de plástico pequena, cola quente, fitas, papel A4 e milho de pipoca/feijão para emitir o som ao balançarmos.

Em seguida, a preceptora recebeu um convite para mudar de escola. Essa situação nos obrigou a interromper o processo e migrar para a *Escola Estadual Tobias Barreto*. Nesse tempo de mudança fizemos visitas para conhecer a escola e iniciamos com aulas expositivas sobre a BNCC, trabalhando em sala de aula as danças das regiões do Brasil, a região Sul, região Sudeste, região Norte e região Nordeste. Contextualizamos e passamos vídeos sobre as origens, históricas, como se dançava, as vestes, ritmo e curiosidades, das danças Catira, Balainha, Siriri, Carimbo e Forró.

As diversidades dessas danças foram apresentadas em sala de aula e contribuíram para a ampliação do saber dos alunos/alunas em relação às regiões e contexto histórico. Cada região trouxemos conhecimentos de práticas dançantes e contextualização histórica (Fig.3) a partir de nomenclaturas, musicalidade, ritmo e movimentos. Os recursos utilizados, foram exposições de cartazes, vídeos com narração da história da origem, de onde veio, como começou, sobre a existência de personagens na manifestação, como é dançada, qual objetivo e curiosidades sobre essas danças.

Figura 3 – Contextualização histórica



Fonte: arquivo pessoal (2022).

---

semelhança com um chocalho, geralmente, a estrutura é feita com um tubo de metal ou plástico em formato cilíndrico, preenchido com: areia, grãos de cereais ou pequenas contas (Casculo, 2002).

Iniciamos no semestre seguinte, com a disciplina de processos criativos levando as aulas de práticas do corpo na dança para sala de aula. Com essa vivência, trabalhamos em dupla e decidimos em reuniões continuar com o processo de mediação das manifestações populares das regiões do nosso estado de Sergipe. Essa disciplina os alunos/alunas demonstraram resistência, desmotivação e a inscrição não ocorreu por vontade própria, a demanda foi estipulada para as turmas do 2º ano, no qual tiveram que participar, obrigatoriamente, por ser uma disciplina que reprovava, caso não participassem. Aulas foram expositivas e, também, com práticas de dança, mas nem todas as manifestações foi possível realizar as práticas, em virtude do cronograma da escola. Todavia, contextualizamos no geral a importância das danças populares sergipanas, tais como: o Lambe-Sujo X Caboclinhos, Samba de Pareia, São Gonçalo do Amarante, Parafusos, Taieiras e Bacamarteiros.

Sobre as aulas expositivas apresentamos vídeos pertinentes das histórias e origens de cada dança, sobre as pessoas que dançam, vestimentas, a musicalidade, ritmo e confecções de instrumentos como ganzá e reco-reco<sup>5</sup>, também, trabalhamos no decorrer das aulas, construções de versos para fazer cordéis como parte do processo final das aulas, assim como, trabalhamos uma coreografia montada para ser apresentada no final do Programa do Residência.

Por identificar a falta de conhecimento dos alunos/alunas sobre a cultura do estado de Sergipe, decidimos continuar nessa linha de saber. Me recordo que ao iniciarmos o primeiro dia de aula, perguntamos se eles conheciam as manifestações e poucos souberam falar, principalmente, o significado dos monumentos do lago da agente sergipana, local no qual se encontra bonecos gigantes e cada um deles representa uma manifestação. Desse modo, percebemos que estávamos no caminho certo em trabalhar nessa perspectiva das manifestações populares.

Continuamos com o processo criativo dentro das manifestações populares de Sergipe e tivemos um resultado inesperado e gratificante, mesmo acontecendo lá no início a resistência deles em dançar, conseguimos um trabalho artístico articulando a dança com versos de cordéis, produzido por eles. A apresentação aconteceu no departamento de Dança da Universidade Federal

---

<sup>5</sup> Reco-reco é um instrumento construído quase sempre de madeira, tocado com uma vareta e utilizado, frequentemente, nas rodas brasileiras de samba (Cascudo, 2002).

de Sergipe no qual o coordenador prof. Daniel Moura criou uma oficina para os alunos/alunas ensinarem o que aprendeu para os expectadores presentes, assim, finalizando o processo com eles.

Relatar a experiência do processo em sala de aula no Centro de Excelência Gonçalo Rollemberg, com o grupo de colegas graduandos em dança, é ratificar que houve uma efetiva troca de saberes. Os cinco membros da equipe do RP estiveram sempre se ajudando, trabalhando em consonância com os planejamentos acordados que em reuniões. Nós, planejávamos as aulas e dividíamos a parte de cada um, eram cinco pessoas e tínhamos que nos organizar e todos tinham que vivenciar, então, cada um fazia uma coisa e toda semana mudava o que cada integrante fazia, assim, nos dando a possibilidade de experimentar momentos singulares sobre o exercício da docência.

Na Escola Estadual Tobias Barreto trabalhamos em dupla os planejamentos que continuaram acontecendo do mesmo jeito, como funcionava na escola anterior, o processo sempre seguindo de acordo com o que construímos em reuniões. No decorrer do processo tivemos pontos positivos e negativos, como por exemplo, ao me deparar com uma realidade que não estava no meu dia a dia, as problemáticas da escola, que tive que aprender a lidar. No Gonçalo Rollemberg, tínhamos uma sala para trabalhar, facilitando o processo, porém, no Tobias não existia um espaço para as aulas práticas, que tiveram que acontecer em sala de aula, dividindo o espaço com as cadeiras e mesas. Com isso, tínhamos que correr contra o tempo para afastarmos as cadeiras e as mesas e mediarmos as ações com a dança.

Ambas as escolas me proibiram de entrar na sala dos professores. Eu tive que me alimentar no pátio da escola, pois os estagiários e demais estudantes universitários só podiam entrar na sala dos professores para pegar água, e, no Colégio Tobias Barretos não podia usar o banheiro dos funcionários, inclusive, com alguns professores desrespeitando estagiários, como, em uma situação, no qual uma professora não saiu da sala ao fim de sua aula, só cedendo o horário da disciplina com a chegada da preceptora, na porta da sala, ou seja, não tínhamos autorização para usar a sala por sermos apenas residentes. Fato lamentável!

A relação com alguns alunos da escola em alguns momentos ocorria de modo desconfortável. Em uma das situações que ocorreu comigo e com uma

colega, fomos xingadas por palavrões de baixo escalão e, em outros momentos, outras alunas disseram para mim e minha colega de trabalho que não tínhamos diplomas e nem éramos professoras para repreendê-las em uma situação em que elas estavam filmando e fazendo gracinhas, com os colegas que participavam das práticas da aula.

São problemáticas que residentes vivem, principalmente os da área artística, ouvindo falas que descredibilizavam nossas presenças, já que atuávamos geralmente em duplas, e que também, por isso, só podíamos ser da arte, visto que não conseguíamos ministrar aula sozinhas. Outra fala ofensiva foi a de que a gente só sabia fazer arte - como se medissem nossas capacidades intelectuais apenas pela nossa área de atuação - as zombarias eram frequentes à nossas escolhas profissionais. Confesso que é desconcertante vivenciarmos questionamentos sobre a nossa atuação como estagiárias, sobre esse e outros acontecimentos, ficávamos refletindo se o lugar que deveria agregar no conhecimento do estagiário, não era na escola, onde seria, então? O Programa de Residência Pedagógica nos trouxe aspectos positivos e negativos, oportunizando saberes importantes sobre a ação educacional com a dança, especificamente, para nós discentes residentes que atuaremos em um futuro breve como professores nesse contexto. Mas, confesso que estar nesse lugar da experiência docente, no chão da escola, escancarou um exercício desanimador e preocupante para a formação e produção de conhecimento a partir da disciplina de Artes.

Nossa preocupação com o desenvolvimento das aulas, com os conteúdos mediados, esteve voltada para um compromisso do ensino da dança pautado em diálogos de saberes com os colegas envolvidos. Tivemos momentos de segurança, mas, também, de insegurança, desânimo. As dificuldades de exposição dos conteúdos teóricos reforçavam a insegurança de estarmos no compromisso de fomentarmos outros conhecimentos em dança. No entanto, ao decorrer das semanas, fomos nos adaptando e conseguindo mediar a aula expositiva com mais tranquilidade. Nas aulas de práticas do corpo, o começo foi bem desafiador em ter que lidar com corpos que não tinham contato com as manifestações da cultura popular. Entretanto, só o fato deles compreenderem as origens e os movimentos de cada dança, foi essencial para o processo final. Não atuávamos em todas as turmas no início, mas depois a nossa demanda foi

modificada para atendermos todas as turmas do ensino médio.

De fato, alguns alunos/alunas conseguiram compreender e trazer para si os conteúdos ministrados em sala de aula, e no final das aulas pedíamos que criassem versos de acordo com os assuntos e manifestações abordados na sala. Esse trabalho foi apresentado como um produto artístico de encerramento do RP-Dança/UFS.

Observando os alunos que participaram do produto artístico, acreditamos na importância e difusão do conhecimento sobre as manifestações populares do estado de Sergipe. É importante valorizar epistemologias promovidas no e pelo nordeste, pela nossa região sergipana. Encontramos *feedback* gratificantes de alunos/alunas do projeto, como por exemplo, uma aluna que vivenciou uma prática de dança ministrada em sala de aula (no projeto Residência Pedagógica) e teve a oportunidade de participar de um evento, no qual encontrou uma brincante, de uma manifestação que ela teve vivência conosco, tendo a possibilidade de dialogar com o que tinha estudado na aula do projeto. Esses relatos reforçam a importância do nosso compromisso com a educação em dança no estado de Sergipe.

## **A EXPERIÊNCIA NA FORMAÇÃO DOCENTE: atravessamentos com Jorge Larrosa**

A dança nos projetos educacionais, como o Programa de Residência Pedagógica e o Programa Licenciandos na Escola, oferece uma experiência que vai além do aprendizado de passos técnicos. Ela se torna uma forma de conhecimento sensível, onde o corpo é o principal meio de aprendizado e expressão. Através da dança, os futuros professores não apenas ensinam, mas também aprendem com seus alunos, construindo um processo colaborativo e transformador. É nesse encontro de corpos e histórias que a experiência se manifesta, permitindo que a dança não seja apenas uma disciplina, mas uma vivência que afeta, emociona e contribui para a formação integral de todos os envolvidos.

De acordo com o pensamento de Jorge Larrosa Bondía (2019), o papel da experiência em nossas produções transcende o mero acontecer. Para ele, a experiência é o que nos acontece, o que nos afeta, e se constitui em um saber próprio da existência em coletividade. O filósofo espanhol, doutor em educação e autor de textos essenciais como "*Notas sobre a experiência e o saber de experiência*" (2019), nos oferece reflexões valiosas para pensar as vivências no ambiente da educação com a dança. Sua obra nos convida a ir além da superfície, a buscar o sentido e a transformação que a experiência pode proporcionar.

A partir da perspectiva de Larrosa (2019), que entende a experiência não como algo que simplesmente acontece, mas sim como aquilo que nos acontece e nos transforma, o ensino da dança no Programa de Residência Pedagógica (PRP) e no Programa Licenciandos na Escola (PROLICE) se revela como um campo de possibilidades. Nesses contextos, a dança transcende a mera transmissão de passos e coreografias, tornando-se uma vivência que afeta e ressignifica o corpo e o fazer pedagógico. Os futuros professores são convidados a se abrir para o inesperado, a ouvir o silêncio e a aprender com os alunos, permitindo que a dança se torne uma experiência mútua de descoberta, onde o conhecimento é construído na interação, no encontro e na sensibilidade, e não apenas na repetição e na técnica.

Larrosa (2019) nos alerta que, em tempos de avanço tecnológico e

comunicação digital, estamos incessantemente tomados por inúmeras informações. Essa enxurrada de dados nos faz deixar de lado o valor da experiência, ou seja, a possibilidade de que algo nos aconteça e nos afete. O autor enfatiza que a experiência requer um gesto de interrupção, um freio na rotina que nos permite estar abertos para o que se apresenta. Somente o sujeito que se permite essa interrupção consegue perceber e transformar a experiência em um conhecimento singular. Assim, a dança, no contexto dos programas, age como um portal para essa interrupção, exigindo presença e atenção plena, qualidades essenciais para a formação docente.

Pensando na ideia da experiência/sentido, proposta por Larrosa (2019), e em relação aos projetos pedagógicos PRP e PROLICE, observamos a importância de nos atentarmos para as diferentes percepções e atravessamentos que o uso de algumas palavras pode provocar no processo de aprendizagem. Se a experiência não é o que se passa, mas o que nos toca, o que nos afeta, cada pessoa que vivencia algo terá um significado singular. Essas singularidades nos fazem refletir sobre nossas ações a partir do que sentimos e do modo como nos posicionamos diante do sentido dessa experiência. Viver uma experiência, portanto, não significa simplesmente passar por ela; para compreendê-la, é preciso sentir, deixar-se tocar e permitir que o corpo e as emoções aprendam, gerando assim a transformação.

A experiência, no contexto da dança, faz com que o indivíduo aguçe seus sentidos, ações e emoções. Larrosa (2019) nos lembra que as reações corporais são singulares, pois dependem de como cada um é tocado. Alguns serão afetados e compreenderão a experiência em sua totalidade, enquanto outros, por diversos motivos, não conseguirão se conectar com ela naquele momento do processo. O PROLICE e o PRP nos oferecem um cenário ideal para elucidar a noção de experiência defendida por Jorge Larrosa, mostrando que as vivências dos licenciandos foram muito além de algo que simplesmente aconteceu. Medo, insegurança e variadas emoções se manifestaram, mas, ao se permitirem sentir, os futuros professores transformaram esse processo de aprendizagem em uma experiência significativa, revelando o poder da dança como ferramenta de autoconhecimento e formação.

## CONSIDERAÇÕES

A experiência com os programas de formação da Universidade Federal de Sergipe (UFS), como o Residência e o Prolice, foi fundamental para minha jornada como educadora. Mais do que uma simples experiência de ensino técnico, esses programas me proporcionaram uma compreensão profunda e crítica da docência, tanto em nível profissional quanto pessoal.

Um dos maiores aprendizados foi enfrentar minhas próprias dificuldades. No início, sentia um nervosismo paralisante ao apresentar aulas expositivas, o que embaralhava minhas palavras e me impedia de expressar minhas ideias com clareza. No entanto, esses programas me forçaram a buscar soluções e desenvolver a confiança necessária para superar essa barreira. Por outro lado, nas aulas práticas de dança, sentia total segurança para me expressar, descrevendo os movimentos em detalhes e guiando os alunos com precisão. Essa dualidade me mostrou que a docência exige mais do que conhecimento técnico; ela exige autoconhecimento e resiliência.

Estar na posição de professor, mesmo como estagiário, me expôs a vulnerabilidades e inseguranças. Contudo, essa experiência serviu para validar e aprofundar minha admiração pela profissão docente. Percebi que o educador tem um papel de grande responsabilidade e poder na formação de crianças e jovens, contribuindo para que a educação seja pautada por perspectivas políticas, críticas e sociais. Esses programas também me ensinaram a importância da coletividade e da articulação com a gestão escolar, direção e até mesmo com as famílias dos alunos. Essa abordagem abrangente e humanizada foi essencial para lidar com os desafios do ambiente escolar, como desentendimentos entre alunos ou o menosprezo pela profissão de professor.

Em suma, as vivências no Residência e no Prolice transformaram a maneira como eu percebo o ensino de dança. Elas me trouxeram um amadurecimento profissional que vai além das disciplinas de estágio supervisionado e reforçam a necessidade de manter e fortalecer esses laços entre a universidade e a educação básica. Tive a oportunidade de vivenciar experiências cruciais para atuar como educadora e reafirmo que programas como esses são essenciais para a formação completa e consciente de qualquer estudante de dança.

## REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, Léa.G.C. Ensinar, aprender, apreender e processos de ensinagem. IN: **Processos de ensinagem na Universidade**. Joinville, SC, UWIVILLE, 2005.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Tremores** - escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

CASCUDO, Luís Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Revisto, atualizado e ilustrado. 11 ed. São Paulo: Global Editora e Distribuidora Ltda, 2002.

GOMES, Jaciara. **“Do Recife para o mundo”**: os significados do (brega) funk pernambucano. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021.

GUERRERO, M. F. **Formas de improvisação em dança**: dança, improvisação, composição. São Paulo: Summus, 2007.

MARQUES, Isabel A. **Notas sobre o corpo e o Ensino da Dança**. Cadernos Pedagógicos: Lajedo. v. 8, n. 1, 2011. Disponível em:<http://www.univates.br/revistas/index.php/cadped/article/view/827>. Acessado: 04. jan. de 2025.

RENGEL, Lenira. **Os Temas de Movimento de Rudolf Laban (I- II- III- IV- V- VII- VIII)**: modos de aplicação e referências. São Paulo: Annablume, 2008.

RENGEL, Lenira. **Dicionário Laban**. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2003.

RENGEL, Lenira; MOMMENSOHN, Maria. **O corpo e o conhecimento**: dança educativa. In: Série Idéias, n. 10. São Paulo: FDE, 1992. Disponível em: [http://www.crmariocovas.sp.gov.br/dea\\_a.php?t=025](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/dea_a.php?t=025). Acessado: 10. fev. de 2025.